

# O Meu Nome É Alice

Lisa Genova

Romance

Traduzido do Inglês por

Elsa T. S. Vieira



## Setembro de 2003

 Alice estava sentada à secretária, no quarto, distraída pelo som dos passos de John, a correr nas divisões do piso de baixo. Antes de ir para o aeroporto ainda tinha de acabar a revisão do artigo de um colega, para o *Journal of Cognitive Psychology*, e acabara de ler a mesma frase três vezes sem a compreender. Eram sete e meia da manhã, segundo o despertador, que ela achava estar dez minutos adiantado. Sabia, pela hora e pela intensidade crescente da correria, que John estava a tentar sair mas que se esquecera de alguma coisa que não conseguia encontrar. Levou a caneta vermelha aos lábios enquanto olhava para os números no mostrador digital do relógio e aguardava aquilo que sabia que se seguiria.

– Alice?

Atirou a caneta para cima da secretária e suspirou. Desceu e encontrou-o na sala de estar, de gatas, com o braço enfiado debaixo das almofadas do sofá.

– As chaves? – perguntou ela.

– Os óculos. Por favor, poupa-me o sermão, já estou atrasado.

Ela seguiu o olhar frenético de John até à prateleira por cima da lareira, onde o antigo relógio Waltham, famoso pela sua precisão, declarava que eram oito em ponto. John já devia saber que não podia confiar nele. Os relógios nesta casa raramente mostravam a hora correcta. Alice fora enganada demasiadas vezes no passado pelos seus rostos aparentemente honestos e aprendera há muito tempo a confiar apenas no relógio de pulso. Recuou novamente no tempo ao entrar na cozinha, onde o relógio do microondas insistia que eram apenas 06h52m.

Olhou para a superfície lisa e arrumada do balcão de granito e ali estavam eles, ao lado da taça de cogumelos cheia até acima de correspondência por abrir. Não debaixo de qualquer coisa, nem atrás de qualquer coisa, mas completamente à vista. Como é que ele, uma pessoa tão inteligente, um cientista, não conseguia ver o que estava mesmo à sua frente?

Claro que muitas das suas coisas também já tinham desaparecido em sítios estranhos e recônditos. Mas ela não o admitia a John e nunca o envolvia na busca. Ainda há pouco tempo, felizmente sem o conhecimento de John, passara a manhã a correr desesperadamente, primeiro em casa, depois no escritório, à procura do carregador do seu Blackberry. Por fim, desistira, fora à loja e comprara um novo, apenas para o descobrir, nessa mesma noite, ligado na tomada do seu lado da cama, onde se devia ter lembrado de procurar. Provavelmente podia justificá-lo, em relação a ambos, por quererem sempre fazer demasiadas coisas ao mesmo tempo e andarem sempre demasiado ocupados. E por estarem mais velhos.

John parou à porta e olhou para os óculos na mão de Alice, mas não para ela.

– Para a próxima, tenta fingir que és uma mulher enquanto procuras – disse Alice, com um sorriso.

– Visto uma das tuas saias. Alice, por favor, estou mesmo atrasado.

– O microondas diz que ainda tens montes de tempo – disse ela, entregando-lhe os óculos.

– Obrigado.

Ele pegou-lhes, como um corredor de estafetas a aceitar o testemunho numa corrida, e dirigiu-se à porta da frente.

– Estarás em casa quando eu chegar, no sábado? – perguntou ela, enquanto o seguia pelo corredor.

– Não sei, no sábado tenho um grande dia no laboratório.

Pegou na pasta, no telemóvel e nas chaves que estavam na mesa do vestíbulo.

– Faz boa viagem, dá um abraço e um beijo à Lydia por mim. E tenta não discutir com ela – disse John.

Alice apanhou o reflexo de ambos no espelho do corredor – um homem alto e distinto, com cabelo castanho salpicado de branco e óculos, uma mulher pequena e delicada com cabelo encaracolado, de braços cruzados sobre o peito, ambos preparados para se lançarem na mesma discussão interminável. Rangeu os dentes e engoliu em seco, decidida a não o fazer.

– Já não estamos juntos há algum tempo, por favor, tenta estar em casa – pediu ela.

– Eu sei, vou tentar.

Beijou-a e, embora estivesse desesperado por sair, prolongou esse beijo por um momento quase imperceptível. Se ela não o conhecesse tão bem, talvez tivesse romantizado aquele beijo. Talvez tivesse ficado ali, esperançosa, a pensar que ele quisera dizer *Amo-te, vou ter saudades tuas*. Mas, enquanto o via descer a rua sozinho, sentiu-se bastante certa de que ele simplesmente lhe

dissera *Amo-te, mas por favor não fiques chateada quando não me encontrares em casa no sábado.*

Costumavam ir juntos a pé para Harvard todas as manhãs. Das muitas coisas de que ela gostava no facto de trabalharem a pouco mais de um quilómetro de casa, e na mesma escola, essa viagem partilhada era a que mais adorava. Paravam sempre no Jerri's – um café simples para ele, um chá de limão para ela, quente ou frio, conforme a estação – e continuavam até Harvard Yard, conversando sobre as suas pesquisas e aulas, sobre questões dos respectivos departamentos, sobre os filhos ou os planos para essa noite. Nos primeiros tempos de casamento, até iam de mãos dadas. Ela adorava a intimidade descontraída dessas caminhadas matinais com John, antes de as exigências diárias dos respectivos empregos e ambições os deixarem a ambos stressados e exaustos.

Mas há já algum tempo que faziam separados a caminhada até Harvard. Alice passara o Verão praticamente todo com as malas feitas, assistindo a conferências de Psicologia em Roma, Nova Orleães e Miami, e atarefada com a sua posição na comissão de exames que avaliara a defesa de uma tese em Princeton. Na Primavera, as culturas de células de John tinham precisado de algum tipo de atenção especial a horas impróprias, todas as manhãs, mas ele não confiava em nenhum dos seus alunos para lá estar a horas. Portanto tratara pessoalmente do assunto. Não se lembrava das razões anteriores à Primavera, mas sabia que tinham parecido sempre razoáveis e apenas temporárias.

Regressou ao trabalho na sua secretária, ainda distraída, agora pela frustração da discussão que não tivera com John sobre a filha mais nova de ambos, Lydíia. Seria assim tão terrível esperar que ele estivesse do lado dela, para variar? Leu o resto do artigo com um esforço superficial, sem os seus habituais padrões de excelência, mas teria de ser suficiente, tendo em conta o seu estado de espírito

dividido e a falta de tempo. Depois de terminar os comentários e sugestões de revisão, fechou e selou o envelope, consciente, com uma pontada de sentimento de culpa, de que podia ter deixado passar algum erro na concepção ou interpretação do estudo, amaldiçoando John por ter comprometido a integridade do seu trabalho.

Arrumou de novo a mala, que não chegara a esvaziar completamente depois da última viagem. Estava contente por não ter de viajar tanto nos meses que se seguiriam. Tinha apenas meia dúzia de convites para palestras assinalados na agenda para o semestre de Outono, e conseguira marcar a maioria para sextas-feiras, um dia em que não dava aulas. Como amanhã. Amanhã seria a oradora convidada no arranque da série de colóquios de Outono sobre Psicologia Cognitiva, em Stanford. E, depois, veria Lydia. Tentaria não discutir com ela, mas não prometia nada.

Alice encontrou facilmente o caminho para o Edifício Cordura em Stanford, na esquina da Campus Drive West com a Panama Drive. O exterior de betão pintado de branco, o telhado de terracota e os relvados luxuriantes pareciam, aos seus olhos da Costa Leste, mais uma estância de Verão nas Caraíbas do que um edifício académico. Chegou bastante cedo mas decidiu entrar, mesmo assim, pensando em usar o tempo extra para se sentar no auditório silencioso e rever a sua palestra.

Para sua surpresa, entrou numa sala já apinhada. Uma multidão entusiasmada rodeava uma mesa de *buffet*, atacando agressivamente a comida como gaivotas numa praia urbana. Antes que conseguisse entrar sem ser notada, viu Josh, um ex-colega de Harvard e um respeitado egomaníaco, atravessar-se no seu caminho, de pernas ligeiramente afastadas, como se estivesse pronto para a atacar.

– Tudo isto, para mim? – perguntou Alice com um sorriso.  
– Não, comemos assim todos os dias. É para um dos nossos psicólogos do desenvolvimento que passou ao quadro ontem. Então, como está Harvard a tratar-te?

– Bem.

– Nem acredito que ainda lá estás, ao fim de tantos anos. Se alguma vez te fartares daquilo, devias pensar em vir para cá.

– Eu aviso-te se isso acontecer. Como vão as coisas contigo?

– Fantásticas. Devias passar pelo meu gabinete depois da palestra para veres os nossos modelos de dados mais recentes. Vais ficar de boca aberta.

– Desculpa, mas não posso, tenho de apanhar o avião para Los Angeles logo a seguir – disse ela, grata por ter uma boa desculpa.

– Oh, que pena. Acho que a última vez que te vi foi no ano passado, na Conferência de Psiconomia. Infelizmente, perdi a tua apresentação.

– Bom, podes ouvir uma boa parte dela hoje.

– Andas a reciclar as palestras, é?

Antes que ela pudesse responder, Gordon Miller, chefe do departamento e agora, para ela, super-herói, aproximou-se e salvou-a, pedindo a Josh que o ajudasse a servir o champanhe. Tal como acontecia em Harvard, um brinde com champanhe era uma tradição do departamento de Psicologia de Stanford para todos os docentes que atingissem o ambicionado marco de carreira que era passar ao quadro. Não havia muitas fanfarras que assinalassem os avanços na carreira de um professor, mas passar ao quadro era uma das maiores e mais sonoras.

Quando todos tinham um copo na mão, Gordon subiu para o estrado e deu uma palmadinha no microfone.

– Posso pedir a vossa atenção por alguns momentos?

O riso excessivamente alto de Josh ecoou pelo auditório antes de Gordon continuar.

– Hoje, estamos aqui para felicitar o Mark por ter passado ao quadro. Estou certo de que ele está feliz por ter alcançado este feito. Brindemos a muitos mais no futuro! Ao Mark!

– Ao Mark!

Alice brindou com as pessoas que estavam mais perto dela e rapidamente todos voltaram ao que estavam a fazer: comer, beber e discutir. Quando toda a comida desaparecera dos tabuleiros e as últimas gotas de champanhe da última garrafa, Gordon subiu de novo ao estrado.

– Se quiserem sentar-se, vamos dar início à palestra de hoje.

Esperou alguns instantes enquanto a assistência de cerca de setenta e cinco pessoas se instalava e silenciava.

– Hoje, tenho a honra de vos apresentar a primeira oradora do ano. A doutora Alice Howland, eminente Professora de Psicologia do William James Hall, na Universidade de Harvard. Ao longo dos últimos vinte e cinco anos da sua notável carreira, desenvolveu muitas das principais referências da Psicolinguística. Ela foi pioneira, e continua na linha da frente, de uma abordagem interdisciplinar e integrada ao estudo dos mecanismos da linguagem. É um privilégio tê-la aqui hoje conosco, para nos falar sobre a Organização Conceptual e Neural da Linguagem.

Alice trocou de lugar com Gordon e encarou as pessoas que olhavam para ela. Enquanto esperava que os aplausos cessassem, pensou na estatística que dizia que as pessoas tinham mais medo de falar em público do que da morte. Ela adorava. Gostava de todos os momentos encadeados de falar perante uma assistência atenta – ensinar, representar, contar uma história, lançar um debate acalorado. Também adorava a onda de adrenalina. Quanto maior o risco, quando mais sofisticada ou hostil era a assistência,

mais toda a experiência a entusiasmava. John era um excelente orador, mas, muitas vezes, falar em público era para ele um esforço penoso e aterrador, e o entusiasmo de Alice espantava-o. Provavelmente não teria escolhido a morte, mas, se a opção fosse aranhas e cobras, sem dúvida.

– Obrigada, Gordon. Hoje, vou falar sobre alguns dos processos mentais subjacentes à aquisição, organização e utilização da linguagem.

Alice já fizera esta palestra básica inúmeras vezes, mas não lhe chamaria reciclagem. O ponto central eram de facto os grandes princípios da Linguística, muitos dos quais descobertos por ela, e usava alguns dos mesmos *slides* há anos. Mas sentia-se orgulhosa, não envergonhada ou preguiçosa, por esta parte da sua palestra, estas suas descobertas ainda serem válidas, por terem resistido ao teste do tempo. As suas contribuições eram importantes e impulsionavam futuras descobertas. Além disso, ela incluía sempre essas futuras descobertas.

Falou sem precisar de olhar para os apontamentos, descontraída e animada, as palavras a fluírem sem esforço. Depois, a cerca de dez minutos do fim da palestra de cinquenta minutos, encravou subitamente.

– Os dados revelam que os verbos irregulares requerem acesso ao...

Pura e simplesmente não conseguia encontrar a palavra. Tinha uma vaga sensação daquilo que queria dizer, mas a palavra propriamente dita escapava-lhe. Desaparecera. Não sabia com que letra começava, nem como soava, nem quantas sílabas tinha. Não a tinha debaixo da língua.

Talvez fosse do champanhe. Normalmente, não bebia álcool antes de falar. Mesmo quando sabia a palestra de cor, mesmo no mais casual dos ambientes, queria sempre estar no máximo das suas

capacidades mentais, em particular para a sessão de perguntas e respostas no final, que podia ser agressiva e plena de debate intenso e imprevisto. Mas não quisera ofender ninguém e bebera um pouco mais do que provavelmente devia ter bebido, quando se vira mais uma vez encurralada num diálogo passivo-agressivo com John.

Talvez fosse do *jet lag*. Enquanto a sua mente esquadrinhava todos os recantos em busca da palavra e de uma razão racional para a ter perdido, o seu coração começou a bater mais depressa e sentiu as faces a arder. Nunca tinha perdido uma palavra em frente de uma assistência. Mas também nunca tinha entrado em pânico em frente de uma assistência, e já estivera perante plateias muito maiores e mais assustadoras. Disse a si própria para respirar fundo, esquecer o assunto e avançar.

Substituiu a palavra ainda bloqueada por um vago e inapropriado «coiso», abandonou o raciocínio que estava a fazer e avançou para o próximo *slide*. A pausa parecera-lhe uma eternidade embaraçosa e óbvia, mas, ao estudar os rostos da assistência para ver se alguém reparara no seu soluço mental, achou que ninguém parecia alarmado, embaraçado ou inquieto de qualquer forma. Depois, viu John murmurar qualquer coisa à mulher sentada ao seu lado, de testa franzida e com um leve sorriso no rosto.

Estava no avião, prestes a aterrar no aeroporto de Los Angeles, quando finalmente se lembrou.

*Léxico.*

Lydia vivia em Los Angeles há já três anos. Se tivesse ido para a universidade logo após terminar o ensino secundário, ter-se-ia licenciado na Primavera passada. Alice teria ficado tão orgulhosa!

Lydia era, provavelmente, mais inteligente do que ambos os irmãos mais velhos, e eles tinham ido para a universidade. Um deles seguira Direito. O outro, Medicina.

Em vez de ir para a universidade, Lydia fora primeiro para a Europa. Alice tivera esperança de que ela voltasse com uma ideia mais concreta sobre o que queria seguir e a escola para onde queria ir. Em vez disso, ao regressar, ela dissera aos pais que tinha experimentado a representação quando estivera em Dublin e se apaixonara por ela. Ia mudar-se imediatamente para Los Angeles.

Alice quase perdera a cabeça. Para sua grande frustração e irritação, apercebia-se da sua própria contribuição para o problema. Uma vez que Lydia era a mais nova dos três irmãos, filha de pais que trabalhavam muito e viajavam regularmente, e sempre fora boa aluna, Alice e John tinham-na ignorado, em grande medida. Davam-lhe muito espaço de manobra no seu próprio mundo, onde era livre para pensar por si própria, sem a submeterem ao tipo de microgestão imposta a muitas crianças da sua idade. As vidas profissionais dos pais eram exemplos brilhantes daquilo que se podia alcançar ao estabelecer objectivos grandiosos e únicos e ao persegui-los com paixão e trabalho árduo. Lydia compreendia os conselhos da mãe sobre a importância de ter uma educação universitária, mas possuía também a confiança e a audácia para os rejeitar.

Além disso, não estava completamente desapoiada. A discussão mais explosiva que Alice alguma vez tivera com John ocorrera depois de ele dar a sua opinião sobre o assunto: *Acho maravilhoso, ela pode sempre ir para a universidade mais tarde, se alguma vez decidir que é isso que quer.*

Alice verificou a morada no seu Blackberry, tocou à campainha do apartamento número sete e esperou. Estava prestes a tocar de novo quando Lydia abriu a porta.

– Mamã, chegaste mais cedo – disse Lydia.

Alice olhou para o relógio.

– Estou mesmo na hora.

– Disseste que o teu voo chegava às oito.

– Disse às cinco.

– Escrevi oito horas na minha agenda.

– Lydia, são cinco e quarenta e cinco, estou aqui.

Lydia parecia indecisa e assustada, como um esquilo apalhado nos faróis de um carro no meio da estrada.

– Desculpa, entra.

Hesitaram ambas antes de se abraçarem, como se estivessem prestes a praticar uma dança aprendida há pouco tempo e não estivessem bem certas de como era o primeiro passo ou de quem devia conduzir. Ou uma dança antiga, mas que não dançavam juntas há tanto tempo que não se recordavam bem da coreografia.

Alice sentiu os contornos da coluna e das costelas de Lydia através da camisa. Ela estava demasiado magra, com uns bons cinco quilos a menos do que Alice recordava. Esperava que fosse resultado de andar muito atarefada e não de uma dieta consciente. Loura, com um metro e setenta, oito centímetros mais alta do que Alice, Lydia destacava-se entre a predominância de mulheres asiáticas e italianas em Cambridge, mas, em Los Angeles, as salas de espera de todas as audições estavam, aparentemente, cheias de mulheres iguaizinhas a ela.

– Fiz uma reserva para as nove. Espera aqui, venho já.

Alice esticou o pescoço e inspeccionou a cozinha e a sala. As mobílias, provavelmente adquiridas em vendas de garagem e oferecidas por familiares, ficavam bastante bem juntas – um sofá cor de laranja por módulos, uma mesinha de café de inspiração *rétro*, mesa e cadeiras de cozinha ao estilo de uma série

de televisão dos anos 70. As paredes brancas estavam vazias, à excepção de um póster de Marlon Brando por cima do sofá. O ar cheirava fortemente a detergente, como se Lydia tivesse tomado medidas de última hora para limpar a casa antes da chegada de Alice.

Na verdade, estava um pouco limpa e arrumada de mais. Não havia DVDs nem CDs espalhados, nem livros ou revistas em cima da mesinha de café, nem fotografias no frigorífico; não havia o menor indício dos interesses ou gostos de Lydia em lado nenhum. Podia ser a casa de qualquer pessoa. Depois, Alice reparou na pilha de sapatos de homem no chão, à esquerda da porta atrás de si.

– Fala-me sobre os teus companheiros de casa – disse Alice, quando Lydia saiu do quarto com o telemóvel na mão.

– Estão a trabalhar.

– O que é que fazem?

– Um é empregado de bar e o outro faz entregas de comida.

– Pensava que eram ambos actores.

– E são.

– Estou a ver. Como é que eles se chamam?

– Doug e Malcolm.

Foi apenas uma fracção de segundo, mas Alice viu e Lydia percebeu que ela tinha visto. Lydia corara ao dizer o nome de Malcolm e afastara os olhos da mãe com nervosismo.

– Porque não vamos andando? Disseram que não havia problema de irmos mais cedo – disse Lydia.

– Está bem, deixa-me só ir à casa de banho primeiro.

Enquanto lavava as mãos, Alice olhou para os produtos em cima da mesa ao lado do lavatório – creme de limpeza e hidratante,

pastas de dentes de mentol, desodorizante de homem, uma caixa de tampões. Pensou por um momento. Não lhe aparecera o período durante todo o Verão. Teria sido em Maio a última vez? Fazia cinquenta anos para o próximo mês, por isso não estava assustada. Ainda não sentira afrontamentos nem suores nocturnos, mas nem todas as mulheres na menopausa sentiam o mesmo. E, por ela, ainda bem.

Enquanto limpava as mãos reparou na caixa de preservativos atrás dos produtos para o cabelo de Lydia. Teria de descobrir mais sobre estes companheiros de apartamento. Em particular, sobre Malcolm.

Sentaram-se numa mesa exterior na esplanada do Ivy, um restaurante da moda na baixa de Los Angeles, e pediram duas bebidas, um Martini expresso para Lydia e um copo de Merlot para Alice.

– Então como está a andar o artigo do papá para a *Science*? – perguntou Lydia.

Devia ter falado recentemente com o pai. Alice não sabia nada dela desde o telefonema no Dia da Mãe.

– Já o acabou. Está muito orgulhoso.

– E como estão a Anna e o Tom?

– Bons, ocupados, com muito trabalho. Então como é que conheceste o Doug e o Malcolm?

– Apareceram uma noite no Starbucks, quando eu estava a trabalhar.

O empregado aproximou-se e ambas pediram o jantar e mais uma bebida. Alice tinha esperança de que o álcool diluísse a tensão entre elas, que nesse momento era pesada e espessa, por trás da conversa frágil como papel vegetal.

– Então como é que conhecestes o Doug e o Malcolm?

– Acabei de te dizer. Porque é que nunca ouves nada do que eu digo? Apareceram no Starbucks uma noite, quando eu estava a trabalhar, e disseram que andavam à procura de mais alguém para dividir a casa.

– Pensei que eras empregada de mesa num restaurante.

– E sou. Trabalho no Starbucks durante a semana e no restaurante aos sábados à noite.

– Parece que não te sobra muito tempo para representar.

– Não estou a trabalhar em nada, neste momento, mas estou a fazer um *workshop* e tenho ido a muitas audições.

– Um *workshop* sobre quê?

– A técnica de Meisner.

– E tens feito audições para quê?

– Televisão e imprensa.

Alice agitou o copo, bebeu o último gole de vinho e lambeu os lábios.

– Lydia, exactamente quais são os teus planos aqui?

– Não estou a planear desistir, se é isso que queres saber.

As bebidas estavam a fazer efeito, mas não na direcção que Alice esperara. Em vez disso, estavam a servir de combustível para queimar aquele pequeno pedaço de papel vegetal, deixando a tensão entre ambas completamente exposta e ao leme de uma conversa perigosamente familiar.

– Não podes viver assim para sempre. Vais continuar a trabalhar no Starbucks até aos trinta anos?

– Isso é só daqui a oito anos! Sabes o que estarás a fazer daqui a oito anos?

– Sim, sei. A determinada altura, tens de ser responsável, tens de poder pagar coisas como seguros de saúde, uma hipoteca, um plano poupança-reforma...

– Eu tenho seguro de saúde. E posso conseguir singrar como actriz. Há pessoas que conseguem, sabes. E ganham muito mais dinheiro do que tu e o papá juntos.

– Não se trata apenas de dinheiro.

– Então qual é o problema? O facto de eu não ser igual a ti?

– Fala mais baixo.

– Não me digas o que fazer.

– Não quero que sejas igual a mim, Lydia. Mas também não quero que limites as tuas escolhas.

– Queres ser tu a fazer as minhas escolhas.

– Não.

– Isto é aquilo que eu sou, é aquilo que quero fazer.

– O quê, servir galões? Devias estar na universidade. Devias estar a passar esta época da tua vida a aprender alguma coisa.

– E *estou* a aprender alguma coisa! Simplesmente não estou sentada numa sala de aulas em Harvard a matar-me para conseguir nota máxima em Ciência Política. Estou a fazer um curso sério de representação, quinze horas por semana. Quantas horas de aulas por semana têm os teus alunos, doze?

– Não é a mesma coisa.

– Bom, o papá acha que é. É ele que está a pagar.

Alice cerrou as mãos ao lado das pernas e apertou os lábios. O que lhe apetecia dizer a seguir não era dirigido a Lydia.

– Nunca me viste representar, sequer.

Mas John vira. Apanhara o avião, sozinho, no Inverno passado, para a ver numa peça. Na altura, assoberbada com demasiadas coisas urgentes, Alice não conseguira vir com ele. Agora, olhando para os olhos magoados de Lydia, não se lembrava de quais tinham sido essas coisas urgentes. Não tinha nada contra uma carreira de representação, por si só, mas achava que a

determinação singular de Lydia em embarcar nela, sem uma educação, era quase imprudente. Se ela não fosse para a universidade agora, se não adquirisse uma base de conhecimentos ou uma formação formal em qualquer área, se não tivesse um diploma, o que faria se a carreira de atriz não corresse bem?

Pensou nos preservativos que vira na casa de banho. E se Lydia engravidasse? Alice receava que Lydia desse por si presa numa vida de frustração, cheia de arrependimentos. Olhou para a filha e viu tanto potencial desperdiçado, tanto tempo desperdiçado.

– Não estás a ficar mais nova, Lydia. A vida passa demasiado depressa.

– Estou de acordo.

A comida chegou, mas nenhuma delas pegou no garfo. Lydia limpou os olhos com o guardanapo de linho bordado. Caíam sempre na mesma batalha e, para Alice, era como se estivessem a tentar derrubar um muro de betão com as cabeças. Nunca seria produtivo e resultava apenas em mágoa para ambas, causando danos duradouros. Desejou que Lydia conseguisse ver o amor e a sensatez daquilo que queria para ela. Desejou poder debruçar-se sobre a mesa e abraçá-la, mas havia demasiados pratos, copos e anos de distância entre ambas.

Um súbito frenesim de actividade, a algumas mesas de distância, chamou-lhes a atenção. Várias máquinas fotográficas dispararam e uma pequena multidão de clientes e empregados juntou-se, todos voltados para uma mulher um pouco parecida com Lydia.

– Quem é? – perguntou Alice.

– Mãe – disse Lydia, num tom ao mesmo tempo embaraçado e superior, aperfeiçoado com a idade de treze anos. – É a Jennifer Aniston.

Jantaram e conversaram apenas sobre assuntos seguros, como a comida e o tempo. Alice queria saber mais sobre a relação de